

1ª Instabilidade afeta até a vida conjugal

BRASÍLIA — Depois que os argentinos reduziram sua frequência sexual de quatro para uma vez por semana, no auge da crise econômica, conforme pesquisa de 1989, chegou a vez de o brasileiro sofrer as consequências da crise. Mesmo não havendo ainda estatísticas sobre o tema e apesar de os médicos afirmarem que a frequência depende do casal, são cada dia mais comuns as queixas nos consultórios sobre o desempenho sexual do parceiro.

— O paciente normalmente não localiza o problema. Se queixa de estresse, cansaço, até chegar no desinteresse sexual — diz o ginecologista Nelson Vitiello, que participa de grupos de sexologia em São Paulo.

A sexualidade é uma função exercida quando todo o resto do organismo está razoavelmente bem. Quando há angústia e tensão é mais compli-

cado, afirma o médico. Os especialistas dizem que é difícil isolar os fatores biológicos, psíquicos e sociais. Quando um deles é atingido, como ocorre agora com a crise, os outros ficam prejudicados. Daí o mau desempenho sexual dos brasileiros. Se a instabilidade afeta a vida sexual do casal, pior a vida conjugal. As sucessivas crises são apontadas como uma das causas do crescente número de casais que se separam.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelo levantamento do número de casamentos e separações a cada ano, não tem dados sobre a atual crise. Mas dá para se ter uma idéia do que ocorre através dos números de anos anteriores. Em 1987, 117.579 pessoas se divorciaram ou desquitaram. Um ano mais tarde, o número de casais que se separou passou para 125.456.